ANO 10.º — Sexta-feira, 4 de Maio de 1917 — (AVENÇA) — Numero 471

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na Tip. *Minerva Central*, de José Bernardes da Cruz, Rua Tenente Rezende—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

PRINCIPIOS REPUBLICANOS

(Do diario A MANHÃ)

A necessidade de uma Republica bem republicana não a sentem só os republicanos de principios: devem até experimentá-la os adversarios, por principios tambem, dêsse regimen.

Rigorosamente, só teem o direito de se chamar republicanos aqueles que o são porque inteiramente seduziram o seu espirito a justiça, a beleza, a elevação dos principios republicanos. Aqueles que se tornaram republicanos, não por devoção a esses principios, mas por qualquer outra ordem de considerações que, de resto, pódem ser muito dignas, muito respeitaveis, muito patrioticas, não encontrarão na sua propria consciencia, a fôrça bastante para se proclamarem verdadeiramente republicanos.

Ha republicanos, que o não são por principios, que enfileiraram debaixo da bandeira republicana porque viram nela uma garantia de salvação nacional. Da mesma fórma enfileirariam sob a bandeira de qualquer outro regimen. São patriotas? Certamente. São bons, legitimos, fervorosos republicanos? Eles mesmos não ousariam responder afirmativamente.

Para pugnar por uma ideia, para bem a servir, para a fazer florescer e frutificar, é preciso ter fé nela, é preciso ama-la como alguma coisa que é ainda mais do que a carne da nossa carne, porque é o espirito do nosso espirito. Não se faz nada de grande, de solido, de sublime, sem esse amor, sem essa fé. As religiões teem triunfado emquanto os seus adeptos assim as amam e nelas assim crêem. Aqueles que as não profundam, que não sentem a sua sublimidade, não são realmente seus fieis. São adeptos que não fazem mais do que confessá-las com a palavra, sem que no intimo arda a chama sagrada que mantem acêsos os turibulos da fé.

Quando as religiões já não teem senão dêstes adeptos, a sua decadencia acentúa-se vertiginosamente. E com meia duzia de crentes sinceros revoluciona-se o mundo.

* * *

A Republica em Portugal fez-se mercê de uma explosão assombrosa de fé, e está agora em riscos de enfraquecer porque essa fé parece desaparecer sob a multidão de proselitos que ela não conquistou, mas que as circunstancias trouxeram para a Republica.

Não seria inquietador esse copioso ingresso de recentes republicanos se, como era natural, eles se limitassem a fazer o noviciado da democracia como simples soldados. Mas, pela inversão que já aqui acentuei, é dentre eles que surge a maior parte dos dirigentes, e os vencedores de 5 de Outubro são, na maior parte, os dirigidos. Evidentemente, como esperar, em semelhantes condições, que os principios republicanos sejam fielmente aplicados? A não ser no Govêrno Provisorio, a obra dos ministerios da Republica tem-se constantemente ressentido da influencia de processos monarquicos, porque neles tem havido elementos educados muito mais nos costumes da monarquia do que na pura fé republicana.

Dir-se-ha que assim tem sido servida a causa monarquica? Não se póde afirmá-lo. Pelo contrario: por vezes tem havido no poder acessos de jacobinismo vermelho, e de onde partem eles? Por muito singular que isto pareça, partem quasi sempre dos recemvindos á Republica; partem dos indiferentes, que dantes encolhiam os ombros sobre a questão de regimens, ou de antigos monarquicos que consideravam os republicanos discolos e a Republica uma utopia, senão um crime. São esses os que se mostram mais ferozes, são esses os que simultaneamente teem agravado mais os que se conservam monarquicos e contribuido mais eficazmente para dar á Republica aspectos de tirania ou de sectarismo, que ela, pelos seus principios, nunca deveria patentear, porque representam a negação do seu ideal.

E é uma Republica, com tais aspectos, uma Republica bem republicana? Não. Poderá antes ser uma Republica bem monarquica. A tirania, o sectarismo, a rudeza, a intolerancia, são vicios genuinamente monarquicos. Por isso mesmo não admira que surjam como residuos dos costumes monarquicos. Os monarquicos pódem considerar-se perseguidos, mas a Republica tambem não póde deixar de considerar-se gravemente prejudicada.

* * *

Uma Republica bem republicana é um regimen amoldado a principios que ninguem póde amaldiçoar, porque significam uma verdadeira benção para a humanidade. A Republica, por eles definida, é um sistema que nem os seus mais acerrimos adversarios ousam combater nas suas bases morais, nos seus fundamentos juridicos, na sua harmonia social e nas suas aspirações ideais. Um regimen, escrupulosamente norteado por estas noções primordiais, cobriria todos os portuguêses com as suas largas normas de liberdade e tolerancia. Para os republicanos, seria o seu ideal assegurado; para os monarquicos, o reconhecimento do seu direito a divergir, dentro das leis, e a fazer, dentro das leis, a propaganda do seu credo politico, sem nenhuma especie de receio por quaisquer possiveis violencias. Seria a Republica em plena expansão: forte, como nunca, pela consciencia do seu direito, pelo equilibrio da sua razão, e, como nunca, irradiando, das dobras da sua bandeira, beleza, generosidade, espirito.

Nem que a Republica possuisse, para se tornar invulneravel, um exercito de milhões de homens que fossem os primeiros soldados do mundo, ela poderia estar mais segura da sua existencia do que aplicando singelamente os principios basilares do seu luminoso programa. Das mãos dos seus adversarios mais rancorosos cairiam as armas com que pretendessem feri-la; mais ainda: do seu coração expungir-se-ia a peçonha do odio. E os seus falsos amigos, ou aqueles que a não compreendem, afastar-se-iam, uns, convictos da inutilidade da sua perfidia, os outros, reconhecendo finalmente o seu erro. O triunfo da logica republicana representaria o equilibrio e a paz para a sociedade portuguêsa. Mas só republicanos de principios pódem realizar esta obra, porque só eles os conhecem, amam, e firmemente querem faze-los respeitar e triunfar.

Mayer Garção

Coisas nossas

—(*)—

O *Mundo*, ha dias, pedia á autoridade a proibição duma procissão porque implicava um acto contrario á lei e uma manifestação reaccionaria com desprimor para o regimen, etc.

O que dirá o *Mundo* quando souber que por aqui estão os proprios republicanos organisando prestitos religiosos como numeros dum programa de festas a realisarem-se brevemente? E prestitos que se exibem imagens, como a de S. Domingos, com quem se travou aquele dialogo durante o assalto de Tolosa?

— Senhor: mas dentro da cidade vivem cristãos?

— Que importa? respondeu o *santo*. Chacinem-se, matem-se todos, que Deus depois fará a escolha!

Pois é este santinho o exibido com a companheira — a Princêsa Santa Joana, que, como piedosa e cristã, se safou de Aveiro, por ocasião da cidade ter sido invadida pela peste.

Emfim: teremos dia de opas, de cirios, de sino e de... tremoços!

E assim vão desaparecendo aquelas famosas arestas da terrivel e diabolica Lei de Separação!

Viva a Princêsa Santa Joana!
Viva o padre Pedro!
Viva esta Republica de... cruz alçada!

Telegrama

Foi desta cidade enviado no dia 28 de Abril para Lisboa este despacho telegrafico:

Ex.mo Presidente do Ministério e Ministro do Interior

Lisboa

O *Gremio Republicano Distrital de Aveiro* cumprimenta V. Ex.as, desejando que o novo govêrno corresponda ás necessidades da Nação e realise as esperanças da Republica e afirma a V. Ex.as a sua solidariedade com o Governador Civil deste distrito, dr. Samuel Tavares Maia e deputado Marques da Costa nos assuntos de politica distrital que porventura suas ex.as hajam de tratar junto do govêrno.

No seu papel

—(*)—

O *Distrito de Aveiro* arrepiou-se, *como não podia deixar de ser*, com a reparação moral que se fez ao republicano, sem confecção, Filinto Feio, que, abandonando a administração do concelho para não servir a ditadura, que todavia aplausos recebeu daqueles que, após a sua quéda, logo a condemnaram, ultimamente foi reintegrado no seu antigo logar, a que tinha incontestavel direito, visto que só para ele se havia estabelecido uma excepção manifestamente odiosa.

Ao *Distrito* falta autoridade para discutir o caso no campo em que desgraçada e irreflectidamente o colocou, pois mau é sempre que á verdade nitida das cousas e da historia, se sobreponham antipatias e rancores pessoaes. O *Distrito*, pato-mudo, e bem mudo, na demorada presença da escandalosissima bandalheira que para aí campeou mezes e mezes, com a situação de um cavalheiro desempenhando junto com as daquele logar as funções doutros, numa acumulação imoral e revoltante, cavalheiro que não chega a ter sequer paralelo, sob o ponto de vista de aptidões, intelectualidade e habilitação com o actual administrador; o *Distrito*, diziamos, calou-se então comodamente e não se envergonhou com os *altos merecimentos politicos e intelectuaes e as raras qualidades* de s. ex.ª, o que lhe não sucede agora que sofre os efeitos estranhos dum acêsso de escrupulo e de... independencia, protestando contra o justissimo acto praticado com Filinto Feio.

Filinto Elisio Feio é, na verdade, digno e merecedor de ser lançado ás féras. Filho dum homem velho, que toda a sua vida foi republicano, republicano por sua vez desde creança, honrado, modesto, sabendo o que faz, recusando-se por isso a subscrever documentos que a compreensão clara das suas responsabilidades de autoridade lho proíbe; vivendo com dificuldades pesadas, mas com dignidade, dificuldades que talvez fossem menores se os seus não tivessem dispendido em demasia nos ingratos tempos em que ser republicano implicava o sacrificio da bolsa e da vida, francamente: o *Distrito*, dizendo com toda a grandeza duma alma cristã e bem formada que Filinto deve ser posto á margem, por todas as razões e mais *aquela* que ele... sabe, está no seu papel.

O *astrolongo* do Francisco Maria, que, como se vê, e pela propria confissão do *Distrito* é o seu autentico e autorisado mentor, com muito bom proveito, não lhe deu afinal noticia nenhuma, pois o prazer da novidade com que o orgão evolucionista termina as suas judiciosas considerações, estava no espirito do mais simples e ingenuo cidadão.

Cumprida a primeira parte do acto de justiça, outros virão a seu tempo, descance o *Distrito*, quer queiram quer não, quantos imaginam que a negra ingratidão dos homens, e a deles propria, é o que apenas superintende neste mundo. Se supõem que com quatro padre nossos, duas confissões e tres novenas, pódem tudo harmonisar com a divina providencia, enganam-se.

Politica indecorosa

—(*)—

Outro protesto contra a nomeação do conservador do Registo Civil

Ainda sobre a nomeação do bacharel Joaquim Peixinho para conservador do Registo Civil em Aveiro, feita pelo ministro da Justiça do govêrno transacto, o bem redigido semanario republicano de Ovar, *A Patria*, escreve:

O nosso presado colega aveirense *O Democrata*, num dos seus ultimos numeros, denunciou um facto que, na verdade, é tudo quanto ha de mais indecoroso na vida dum partido do regimen republicano.

Positivamente as instituições são a cada passo comprometidas por certas individualidades, que dada a pouca cautela da escolha de elementos que delas se acercaram, são investidas nas funções de dirigir e despachar. Isto se por um lado desacredita, por outro desgosta profundamente a alma democratica que fez com entusiasmo a Republica e a ampara com carinho.

Quem ha sete anos suporia que, implantada uma vez a Republica em Portugal, se cometeria, sob a sua egide, a ignominiosa baixeza de se captar a adesão duvidosa de um inimigo a troco de uma nomeação para um logar essencialmente republicano?!

Trata-se da nomeação do dr. Joaquim Peixinho para o lugar de conservador do Registo Civil de Aveiro!

Ora este cavalheiro era antigo inimigo da Republica e dos seus homens, uma creatura ás ordens do Conde de Agueda, e um destes politicos cheios de todas as manhas e maselas de que enfermava a monarquia e que, ao abrigo da corrução desta, conseguiram ter pouco edificante preponderancia.

Realmente é de pasmar que a imoralidade nesta questão corra parelhas entre a de um ministro da Republica que sanciona uma adesão desta natureza e a do nomeado que a faz a troco de uma posta. Na verdade não sabemos o que é mais indigno — se a nomeação se a aceitação. Uma adesão daquelas vexa um partido, porque há nela absoluta ausencia de sinceridade e a nomeação em taes condições afronta um regimen de moralidade, como é o republicano, porque é uma reedição baixa do caciquismo do tempo da outra senhora contra o qual nos insurgimos.

Por estas manigancias está, pois, feito republicano o sr. Peixinho e depois disto resta saber se o será quem tão generosamente o premiou pelo seu acto de *desinteressada* adesão.

Nós pela nossa parte protestâmos em nome da moralidade politica e dos principios republicanos contra tal nomeação, e fazemo-lo para que fique bem sciente a nossa repulsa por esse facto.

Bom seria tambem que todos os republicanos não ficassem no silencio e se manifestassem como o caso reclama, afim disto não passar em julgado.

E' uma vergonha!

Sim, é uma vergonha. De que é responsavel, deve-se acrescentar, o ex-ministro da Justiça, evolucionista, Mesquita de Carvalho e todos quantos facilitaram o ingresso.

ASSUNTOS ESCOLARES

Vai entrar em execução, visto ter sido votada nas câmaras, a lei que estabelece as seguintes datas do funcionamento dos liceus: ano escolar, de 1 de outubro a 15 de agosto; ano lectivo (aulas), de 6 de outubro a 30 de junho; férias grandes, de 16 de agosto a 30 de setembro; férias do Natal, de 15 dias; férias do Carnaval, de 5 dias e férias da Pascoa, de 14 dias.

Parece-nos que não deve haver razão para descontentamentos. A mocidade estudiosa fica assim com bastante tempo para tomar fôlego...

Um apêlo

—(*)—

Os bravos marinheiros que a semana passada nos distinguiram com a sua visita, solicitaram-nos a publicação do seguinte:

Senhoras e Senhores

Um acontecimento tragico, um vandalismo dos muitos com que esta guerra de destruição vem horrorisar o mundo se desenrolou ha poucas semanas ao largo da nossa costa.

Uns pobres pescadores inofensivos, entregues ao seu arduo e obscuro labutar tão cheio de ignorados heroismos e abnegações incalculaveis, foram atacados por um submarino alemão, saqueados, feridos e abandonados depois de afundados os seus barcos no alto mar.

A guerra traz muitos horrores, mas os requintes de malvadez não pódem ser bem aceites por corações generosos e leais, por almas onde o amôr da humanidade, lançádo como semente ha perto de 2.000 anos ao mundo látino, germinou e se expandiu em florações exhuberantes de sentimentos altruistas; e contudo minhas Senhoras e meus Senhores, obrigar um velho homem do mar, encanecido dos anos e dos trabalhos a afundar o proprio barco com que durante a maior parte do seu rude viver angariou o sustento dos seus filhos, a destruir o companheiro da sua vida, o seu amigo de lutas e canceiras, em que cada taboa tem uma historia e cada prégo uma recordação, é um desses excessos de barbarie absolutamente desnecessarios, qualquer que seja o objectivo que a crueza da guerra tenha em vista e que não póde honrar, nem uma marinha, nem uma nação!

Triste é dize-lo mas, nessa tragedia a que aludimos, um pobre velho foi obrigado, como ele proprio contou, a colocar a bómba que havia de fazer sossobrar o seu barco, esse barco que ele manobrava como se fôsse um prolongamento do seu proprio sêr, um executor fiel da sua vontade! Foi como que obrigar um homem a mutilar-se, a destruir um membro do proprio corpo! E o pobre velho, de lagrimas nos olhos e tremulo de dôr, executou a sentença sob uma ameaça de morte!

Foram quatro barcos afundados e perto de cem as familias que ficaram na miséria. Nós, como eles, homens de mar, aquilatando bem o sofrimento e a sua dôr, fazemos um apelo á vossa bondade, aos vossos sentimentos generosos, ás vossas tradições altruistas de portuguêses.

No turbilhão de miséria e desgraça, de vandalismo e morte, de fome e sangue que nesta hora passa pelo mundo, uma consolação nos resta—a caridade da mulher portuguêsa—verdadeiro tesouro inapreciavel e inexaurivel de consolação aos desgraçados, de conforto aos infelizes, de proteção aos necessitados! Por isso, Senhoras e Senhores, num brado de socorro que é o grito de angustia de miseros naufragos que tudo perderam, nós vimos pedir-vos um auxilio para reparar as perdas daqueles infelizes.

Não julgueis, porêm, que a vossa dádiva é destinada a metigar momentaneamente um sofrimento. Não; o dinheiro obtido é destinado a comprar novos barcos, novos instrumentos de trabalho que possam substituir os perdidos. Não é dinheiro para alimenar indolencias, mas para fazer fructificar actividades.

O vosso socorro, neste momento em que a crise das substancias aflige o Pais, é destinado a auxiliar os esforços empregados para debelar essa crise, é de proveito para os pescadores e para todos nós, porque um barco de pesca perdido representa anualmente algumas toneladas de peixe a menos na economia nacional e portanto mais necessidades, majs desolação e mais fome.

E agora, imaginai, Senhoras, á hora misteriosa em que o sol se afoga no poente, sob o céu sangrento do entardecer, o tragico da cêna decorrida e os vossos corações de esposas e mães verão tambem olhos de mulheres e creanças fitando a linha rubra do horisonte, na ancia de descobrir a véla do barco que lhes devia trazer o pai, o esposo e o pão!

Senhoras e Senhores: ajudai-nos.

A comissão que ficou organisada para, em Aveiro e arrabaldes, recolher os donativos destinados á obra meritoria que os seus companheiros do mar se propozeram realizar, é assim composta:

Ivo Dias Maia, 2.º sargento de manobra; Joaquim Manuel de Azevedo, cabo de marinheiros; Francisco Sequeira, idem; Eduardo Domingos da Fonseca, idem e Jorge da Luz Guerreiro, 2.º fogueiro.

Por todas as pessoas, incluindo as autoridades, ela tem sido acolhida com a simpatia que obra tão meritoria desperta, sendo de esperar que até ao fim lhe não falte o apoio indispensavel para transformar em realidade a generosa ideia.

PELA IMPRENSA

"A Patria"

Ao encetar o 10.º ano de publicação cumpre-nos dirigir ao nosso estimado colega de Ovar cordeais felicitações.

A *Patria* é um jornal que muito apreciâmos pelo relêvo da sua colaboração literaria e politica, esta caracterisadamente republicana e dentro dos principios básicos da democracia, o que ainda mais o torna digno da nossa especial consideração.

Receba, pois, o distinto confrade os firmes protestos de solidariedade além dos votos que fazemos pela sua prolongada existencia.

Desfazendo carrapatas

O sr. governador civil, dr. Samuel Maia, reintegrou no seu antigo logar de administrador do concelho de Oliveira de Azemeis, o snr. Antonio de Bastos Nunes, que, por se haver incompatibilisado, devido á questão do milho, com o sr. Eugenio Ribeiro, tinha abandonado o cargo, depois de fazer vêr áquela infeliz autoridade, que tanto se distinguiu pela discordia semeada no distrito, a sem razão que lhe assistia procedendo como procedeu.

O acto do dr. Samuel Maia tem os encomios da imprensa, que o aplaude sem restrições.

* * *

Referindo-se num éco com o titulo—*Custou...*—á saida do amanuense do Govêrno Civil, do edificio das Carmelitas, onde indevidamente se conservou mais de ano, o nosso presado coléga *Povo de Agueda*, que foi um dos jornaes que tambem se insurgiu contra o escandalo que se consentia sem respeito algum pelo regimen, escreve:

O sr. dr. Samuel Maia, atual governador civil de Aveiro, acaba de dar um *córte* na acomulação de empregos que ha tempos vinha exercendo o sr. Francisco da Encarnação, em Aveiro.

O dr. Samuel cumpriu um dever, em vista dos muitos protestos levantados pela sã familia republicana, demitindo do logar de administrador do concelho e comissario de policia o sr. Encarnação.

Então pelo facto do sr. Encarnação ser um republicano ás direitas e bem apadrinhado, julgava-se no direito de abiscoitar quantos empregos aparecessem? Isso não podia ser.

Alêm de ser uma vergonha, éra um abuso da parte de quem fazia taes nomeações. O nosso coléga *Campeão das Provincias* lamenta o facto do *córte*; pois tenha paciencia, sofra com resignação.

Tê-la-á, coléga, tê-la-á. Ele e os outros que o acompanham na politica *democratica* e em tudo o mais que é timbre da *nobre* casa da Vera-Cruz.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Aveirense.*

MOIRO NA COSTA...

—(*)—

Lêmos em jornaes de Lisboa:

Os srs. ministro da instrução, Manuel Alegre, deputado João Sucena e drs. Adriano e Alvaro Amorim, conferenciaram com o sr. ministro do interior sobre assuntos politicos do distrito de Aveiro.

De que se tratará? Temos ouvido uns zuns, zuns, ácerca da nomeação dum novo governador civil, mas custa-nos a crêr que republicanos pensem em substituir um velho companheiro do tempo da propaganda por qualquer *adesivo* feito democratico por amor... aos seus interesses.

De resto nada sabemos. Só desconfiâmos que *anda moiro na costa...*

MILITARES MORTOS

Por informações de Moçambique sabe-se terem falecido, vitimados pelas febres, os soldados de infanteria 24, José Francisco Moreira Junior, Joaquim Teixeira dos Santos, José Maria Ruivo, Joaquim Maria da Silva e Manuel Mudéla.

Ignorâmos as naturalidades e filiação.

Patriotismo...

Duma correspondencia:

Na práia de Espozende foi apreendida, nos ultimos dias da semana passada, uma remessa de 9:000 ovos, que traidores compraram em Barcélos para fornecer os submarinos que costumam cruzar nas costas de Portugal.

Foram apreendidas 10 caixas bem feitas, com compartimentos apropriados, e que, devido á vigilancia do 1.º cabo da guarda fiscal, sr. Antonio de Carvalho Almeida, não pudéram ser embarcadas, como já o foram por quatro vezes, durante este mês. O cabo apreensor foi auxiliado por republicanos daquela vila.

De noite as lanchas faziam-se ao mar e, de cumplicidade com espanhois, forneciam os submarinos alemães. Parece que os traidores recebiam 600 escudos de cada embarque.

A' hora em que apressadamente recebemos esta noticia, nada mais podemos adiantar. Estão presos os carreteiros que transportavam os ovos para a praia.

A lancha e os seus tripulantes fez-se ao mar, e até agora ignora-se o seu destino.

O que se torna preciso, admitido o caso de se apurárem responsabilidades e aparecerem criminosos, é que se preparem as cousas de fórma a tal gente não ser condemnada...

E' um processo que está agora em voga, para todos os grandes crimes, e estes criminosos são tambem filhos de Deus...

A Republica não se fez para estabelecer a discordia entre a familia portuguêsa!—é a invocação de todos os grandes *patriotas* e o govêrno tem de atender como sempre.

Não valerá por isso a pena apresentar qualquer novo projecto de lei com aplicação ao caso...

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	6 centavos
Comunicados . . .	2 »

Anuncios permanentes, contrato especial.

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

A morte do Sudanês

—(*)—

Episodios da guerra

Entrára no hospital com o arcaboiço de gigante meio despedaçado pelos estilhaços duma granada que lhe rebentára aos pés, quando o seu batalhão carregava, á baioneta, sobre as trincheiras alemãs. Tinha sido um valente nessa carga memoravel que pôz os prussianos em debandada, loucos de terror deante do furioso ataque dos atiradores senegalêses, émulos de gloria dos seus irmãos de armas europeus.

Vinha quasi desfalecido o valoroso soldado negro, que no delirio da febre pedia que lhe trouxessem a esposa que abandonára na aldeia natal, para vir em auxilio da mãe Patria ameaçada por um exercito a quem ele, o sudanês, viria dar exemplos de grandeza d'alma e de civilisação.

— Ya macache. Ehr-Madhou queria vêr Anoumá!—pedia ele a todos os momentos, entre as incoerencias da febre em que ardia.

Ehr-Madhou, o negro moribundo, fôra entregue aos cuidados da mais carinhosa das enfermeiras, que desde o primeiro momento, pôz nesses cuidados para com o soldado ferido todos os tesouros da sua grande alma de mulher, num desvelo de todos os instantes para minorar os sofrimentos fisicos e moraes do que ia exalar o ultimo alento longe dos seus, mas para quem, mesmo na inconsciencia da febre, iam todas as suas suplicas.

Iréne, a enfermeira do senegalês, era uma das mais brilhantes actrizes da Comedia Francêsa, e logo que o medico acabou de vêr o mutilado combatente, interrogou-o sobre o seu estado.

— Pouco poderá durar — respondeu ele no tom de voz desiludido de quem não pôde encontrar uma esperança para tentar salvar o infeliz doente.

Alguns dias apenas; algumas horas talvez e tudo estará acabado— acrescentou depois de um breve silencio, apertando a mão á actriz-enfermeira e saíndo rapidamente.

Entretanto o tratamento começou e a alma sensivel do negro compreendeu depressa que Iréne era talvez o anjo da despedida que Mahomet mandava para junto do seu leito de morte a recolher-lhe o alento derradeiro.

A' aproximação da enfermeira o seu rosto iluminava-se e na imobilidade já quasi cadaverica do corpo horrorosamente rasgado pelos estilhaços da granada, concentrava toda a vida que ainda lhe restava, na contração entre risonha e dolorosa das faces, no brilho dos seus olhos, onde transparecia toda a gratidão da sua alma reconhecida.

—Anoumá branca... Anoumá branca!—dizia ele na sua voz quasi a apagar-se, como se visse na dedicada enfermeira a imagem saudosa da esposa longiqua.

A todo o instante, o soldado repetia essa expressão carinhosa e a joven actriz pôde entender emfim o intimo significado desse nome tão grato para o sudanês, que via na sua solicitude de enfermeira carinhosa, o reflexo da esposa—Anoumá—que ele não mais tornaria a vêr.

E, num requinte de generosidade, o grande coração dessa parisiense, que deixava o luxo do seu palacete de actriz notavel pelo habito de enfermeira, soube responder, iludir a ultima e irrealisavel aspiração de Ehr-Madhou, deixando-se chamar pelo nome da ausente, deixando que o pobre talvez amasse nela a sua companheira distante.

Mas o sudanês, mau grado os seus cuidados e as tentativas do medico, sentia-se morrer a pouco e pouco, perdendo lentamente as forças de dia para dia.

Volvidos quatro ou cinco dias no hospital, o negro, ardendo em febre continua, vivia já numa especie de sonho constantemente povoado das recordações do seu país natal ou pelas scenas da guerra.

Então procurava, tateando no ar, as mãos brancas de Iréne que apertava nas suas, queimadas ao sol do equador, aconchegava-as ao peito, beijava-as em brandos transportes de ternura, chamando a dedicada enfermeira pelo nome da esposa que não esquecia:

— Anoumá blanche! Petite Anoumá blanche! — e duas lagrimas enormes resvalavam ardentes pelas faces tisnadas do negro, que ficava assim longo tempo nestes arrancos de ternura, cuja ingenua ilusão a generosa Iréne lhe consentia e lhe afagava com lagrimas tambem, deante do duplo sofrimento do moribundo negro.

— Ti, ti... Petite Anoumá—repetia ele num balbuciar que já mal se ouvia.

O delirio do sudanês aumentava, o desenlace não podia estar longe e entre as incoerencias dos seus sonhos de febre, falando alto, o pobre guerreiro, falava tambem das suas recordações de Africa, do seu país, da terra em que nascera.

* * *

Minorar o sofrimento do doente era a preocupação da boa Iréne, que numa recordação subita ilumina o rosto num sorriso de satisfação.

Chama uma servente, dá-lhe instruções, e expede-a com urgencia.

No silencio quasi sepulcral do quarto ouvem-se apenas os gemidos do negro, entrecortados pelos sonhos do seu delirio.

Iréne, ao menor ruido exterior, voltava a cabeça para a porta como quem espera com impaciencia a chegada de alguem.

Iréne afagava entre as suas pequeninas mãos de jaspe as mãos de ébano de Ehr-Madhou, que continuava a delirar na incoerencia da febre que o abrazava. Mansamente a porta entreabriu-se e a cabeça da mensageira de Iréne apareceu sorridente com uma interrogação no olhar.

Iréne, a quem uma expressão de indizivel contentamento se desenhou no rosto, fez-lhe sinal que entrasse.

Atraz da servente entrou uma mulher de côr, joven ainda, sudanêsa tambem, como o valente que se finava.

Os braços nús, cheios de braceletes dourados, o colo coberto de fios de contas, de crescentes e enormes argolas nas orelhas, adornos dourados no cabelo e nos vestidos de côres vivas, a negra, formosa no seu tipo caracteristico de *foula*, linhas regulares, rosto correto, grandes olhos sobresaíndo no fundo escuro das faces, veio pôr uma nota de singular contraste naquele quarto, silencioso onde a morte adejava impaciente ha cinco longos dias.

Fôra Iréne que, conhecendo-a dos *boulevards* e dos casinos onde vendia aguas e confeitos se lembrára de a chamar para dar ao pobre soldado africano a ultima ilusão do seu país na hora extrema da sua morte.

Falou-lhe ao ouvido e a negra, com as lagrimas nos olhos, ao vêr a missão do ultimo consolo que vinha ali trazer, começou a cantar a meia voz, na lingua de seus paes, na musica do seu país, entrecortados de soluços, os versos dolentes e semi-religiosos da sua terra:

Kamé té balandri fagaï
Enna Kamé Rab Pharaun
Kamé Monché, ekbé Mohamé
Enta adé liass gatarbé Issa!

Ao ouvir o canto misterioso que assim o chama ainda á vida, Ehr-Madhou, tenta num esforço supremo abrir os olhos embaciados que já quasi não viam, estende os braços, quer falar, ilumina-se o rosto numa expressão de pungente alegria, de extase, e fica imovel depois, magnetisado por esse canto que o enleva e só poude dizer, ao acabar a canção:

— Ti, ti... petite Anoumá!... — e as lagrimas deslisaram-lhe em fios pelas faces.

Oui, segredou-lhe Iréne e a negra repetiu:

— Oui, Ehr-Madhou.

Piedosa mentira! Iréne compreendendo que o doente, no seu delirio, mal antevendo já por entre as névoas da morte a escurecer-lhe os olhos, o rosto negro da sua compatriota, julgou vêr na negra a propria esposa, a sua lembrada Anoumá, segredou-lhe esse *sim* que era uma piedosa mentira, mas que era o ultimo momento de felicidade do pobre soldado.

— Canta, canta—péde o senegalês; e a negra canta maviosamente o canto de morte dos atiradores do Senegal, evocando os vastos campos do seu país, as suas aldeias, os seus ribeiros.

Com os olhos fechados, Ehr-Madhou escuta, imovel, a respiração quasi impercetivel, já quasi fóra da vida o canto consolador da negra, cujas notas dolentes lhe caiam como balsamo divino na alma despedaçada.

— Assim... assim... Tão lindo... o canto da morte ..

E a voz morria-lhe na garganta, a apagar-se, a apagar-se, de momento a momento.

Iréne, palida pela comoção, assistia, encostada á cabeceira do moribundo heroi, a este agonisar lento e dôce, no intimo consolo da sua grande alma de mulher, de poder dar ao desventurado negro, uma ultima visão do seu país, tão longe dele.

— Anoumá, eu cacei leões—diz num cicio o agonisante.

E a negra canta os cantos guerreiros das grandes caçadas de leões do seu país.

— Eu agarrei crocodilos...

E a joven senegalêsa canta as montarias aos terriveis anfibios.

A contracção de gôso ia desaparecendo do rosto esqualido de Ehr-Madhou que nada mais pediu quando a rapariga acabou a sua ultima canção.

Ficou assim um momento.

Iréne, aproximou-se, segurou-lhe a mão em que ele tentou ainda apertar a mão bréve da sua enfermeira e num ultimo esforço, disse ainda:

—Qué Pharaun, mouché, Mahomé et Issa, soient sur ti... Anoumá... Ti bonne... femme... tirailleur... ti... Anoumá... blanche...

E ficou imovel.

Depois, a dôce expressão de consolo foi-se apagando no rosto do negro, e uma leve contracção de labios veio indicar que o desventurado morrera.

As duas mulheres inclinaram-se então sobre o corpo do negro, depondo-lhe a sudanêsa um beijo na fronte, dizendo:

—Pela minha irmã negra Anoumá!

Iréne, a actriz enfermeira, enchugava duas lagrimas tambem na intima satisfação desse sublime milagre de caridade, dando ao pobre soldado negro até á morte a ilusão do seu país e mais ainda a da espesa amáda, a de Anoumá, que a sua alma sensivel não esquecera.

Humberto Beça

Grandes Armazens do Chiado

A sua filial em Aveiro

Desde segunda-feira que tem as suas dependencias na nova casa adaptada convenientemente ao fim que os seus proprietarios teem em vista—desenvolvimento do negocio —e desde segunda-feira tambem que Aveiro foi aumentado com um estabelecimento como nenhum outro ainda existia, tão completo, pela diversidade de artigos que nele se expõem á venda, e de vista tão aparatosa como a que provém da sua frontaria, cuja elegancia dá á Praça do Comercio, onde fica situado, um aspecto de melhor aparencia e mais em conformidade com o nome do pequeno largo.

Estivémos ali nesse dia, gentilmente convidados para a inauguração pelo fiscal das agencias, sr. Duarte José Barbosa e pelos dignos empregados superiores da casa, entre nós, srs. Francisco Pereira Lopes e Antonio Ferreira da Maia. Percorremos, portanto, o interior da filial, nesta cidade, dos *Grandes Armazens do Chiado*, de Lisboa, e do que vimos, do que observámos, vamos dar uma sucinta noticia.

Na loja, á entrada por duas largas portas, com montras ao lado, artisticamente adornadas, deparam-se as secções de fanqueiro, malhas, atoalhados, lãs, sêdas e mercador, cujo conjunto não desmerece da elegancia que preside ás exposições nas melhores casas onde se encontram artigos identicos. No primeiro andar confecções, rouparia para senhora e creanças, camisaria, gravataria, luvaria, sapataria e perfumaria; no segundo: estufador, bazar, artigos de viagem, de *ménage*, louças, etc., etc.

O predio, como já tivémos ocasião de dizer, é amplo, espaçoso, arejado e a luz que o ilumina, fazendo sobresaír o colossal sortido de tudo quanto dentro se encontra disposto, constituindo uma parcela dos *Grandes Armazens do Chiado*, dá-nos a impressão de que, com efeito, nos achámos em presença duma iniciativa sem precedentes, de grandêsa ilimitada, para a qual não só esforço e trabalho se requer porque tudo aquilo representa tambem inteligencia e criterio.

Durante o *copo de' agua* que, á imprensa, os activos chefes da sucursal dos *Grandes Armazens do Chiado*, tivéram a amabilidade de oferecer, nós acentuámos de maneira, a mais perentoria, o muito que Aveiro lucrava com a abertura do estabelecimento o que provocou da parte do sr. Julio Silva, empregado na filial do Porto, uma larga resenha do que tem sido a empreza que se abalançou a obra de tão excepcionaes proporções como a que tivéram o arrojo de empreender os srs. Abilio Nunes dos Santos e Joaquim Nunes dos Santos, este infelizmente, já falecido.

Com efeito, uma casa que já conta sucursaes em quasi todas as terras do país, que possue vinte fabricas a trabalhar só para si, que ocupa mais de 5.000 pessoas entre empregadas e empregados de balcão, escriturarias, escriturarios, caixas, fiscaes, cobradores, criados, cocheiros, *chauffeurs*, costureiras, alfaiates e operarios, uma casa, enfim, que por toda a parte se multiplica, creando clientela, é porque se impõe pela seriedade das suas transações, pela qualidade dos seus artigos, pelos preços e pela fórma como os compradores são acolhidos sempre que se dirigem ao modelar estabelecimento de que tanto se deve orgulhar não só o sr. Abilio Nunes dos Santos como os seus atuaes cooperadores José Nunes de Oliveira Santos e Jacinto Cotrim da Cruz.

Em conclusão: possue Aveiro desde segunda-feira um novo estabelecimento que honra a terra. Devemo-lo aos *Grandes Armazens do Chiado* que aqui mantem como seus representantes os srs. Francisco Pereira Lopes e Antonio Ferreira da Maia, incansaveis pelo engrandecimento da sua filial que ao cabo de tantos anos teem a satisfação de vêr montada á devida altura e em condições de se poder comparar ás melhores que pelo país e ilhas se acham espalhadas. Felicitâmo-nos e felicitâmos os dois activos negociantes, aos esforços de quem incontestavelmente se deve esse valioso melhoramento. E reiterando-lhes o nosso publico reconhecimento pelas gentilezas de que nos cercaram, só estimaremos que os aveirenses nas suas continuas visitas á agencia dos *Grandes Armazens do Chiado*, se interessem tambem pelas prosperidades do importante *magasine*, efectuando nele as suas compras.

Notas mundanas

Pelo nosso velho amigo, sr. dr. Eugenio de Oliveira Couceiro, distinto medico na Mealhada, foi pedida em casamento para seu cunhado José de Mélo Cardoso, estudante de medicina na Universidade de Coimbra e simpatico aveirense, a sr.ª D. Lucilia Soares Teixeira Lopes, gentil filha da sr.ª D. Dulce Soares Teixeira Lopes e do sr. Joaquim Teixeira Lopes, já falecido.

O consorcio deverá efectuar-se brevemente.

✠ *Deu no domingo á luz uma creança do sexo feminino a esposa do sr. Francisco Pereira Lopes, digno gerente da filial dos Grandes Armazens do Chiado nesta cidade.*

Muitos parabens.

✠ *Estiveram nesta cidade os nossos assinantes: de Vila Nova de Famalicão, sr. Antonio Gonçalves Branco; da Palhaça, srs. Luiz Apolonio da Silva e Manuel Martins Capitão Mór; de Ouca, sr. Manuel Ferreira Campos e de Quintans, sr. João Ferreira dos Santos.*

ARTIGO

Espalhar a bôa doutrina constitue desde a fundação deste jornal um imperioso dever que nos impozémos. Por isso hoje transcrevemos novo artigo arrancado ás paginas do brilhante coléga lisbonense *A Manhã* e subscrito pelo seu talentoso director Mayer Garção, que, com tanta pericia, clarêsa e exatidão, sabe traduzir o verdadeiro sentimento republicano.

Portarias de louvor

No *Diario do Govêrno* do dia 28 do mez findo veio publicado o seguinte que particularmente interessa a este concelho e ao de Ilhavo:

Ministerio de Instrução Pública

1.ª Repartição de Instrução Primária e Normal

Atendendo a que vai ser inaugurado, no lugar da Costa de Valado, freguezia da Oliveirinha, concelho de Aveiro, um edificio escolar com duas salas de aula, alpendre e vestuário com terreno para jardim e recreio das crianças;

Atendendo a que a respectiva Junta da freguezia concorreu para este edificio com muito material, e o medico da localidade, Abilio Gonçalves Marques, com o terreno que vale mais de 200$00;

Atendendo mais a que o cidadão Francisco Nunes Ferreira, presidente da referida Junta, angariou materiais, fiscalisou a obra e trabalhou como mestre e operario:

Manda o Govêrno da Republica Portuguêsa louvar a mencionada Junta de freguezia, e em especial o seu presidente, bem como o medico Abilio Gonçalves Marques, pelo muito zêlo e dedicação que demonstraram pela causa da instrução popular.

Paços do Govêrno da Republica, 24 de abril de 1917.

O ministro da Instrução Pública, *Joaquim Pedro Martins.*

Atendendo a que no lugar de Vale de Ilhavo, freguezia e concelho de Ilhavo, terminou a construção do edificio para instalação das duas escolas, masculina e feminina, da localidade;

Atendendo a que o referido edificio oferece as melhores condições higiénicas e pedagógicas, tendo sido custeada a sua construção, além dos subsidios da Câmera Municipal, pelos donativos em material de diversos individuos da freguezia, avultando o oferecido pelo medico Samuel Maia, pelo trabalho gratuito do povo da localidade, pela contribuição braçal lançada pela Junta da freguezia, de que é presidente o professor da mesma escola, João dos Santos Patoilo, que foi o iniciador e cooperador infatigavel de toda a obra:

Manda o Govêrno da Republica Portuguêsa, pelo Ministerio de Instrução Pública, louvar as entidades e corporações citadas pelo seu muito amor á instrução.

Paços do Govêrno da Republica, 24 de abril de 1917.

O ministro da Instrução Pública, *Joaquim Pedro Martins.*

São louvores de inteira justiça a que não podemos deixar de nos associarmos pela merecida homenagem que representam.

PROVIDENCIAS

Junto á grade da fonte dos Arcos, já ponto antigo de reunião de determinada vadiagem que ali faz poiso com o consentimento da policia, que por sua vez se distrae e cavaqueia tambem com os circunstantes, agrupam-se agora dezenas de soldados, proferindo obscenidades, com prejuizo de quem passa e especialmente das pessoas, na sua maior parte mulheres, que lá vão buscar agua.

A' autoridade militar e ao sr. comissario de policia chamamos a atenção para este facto, pedindo-lhes que proíbam de vez aqueles ajuntamentos, evitando-se assim as consequencias que apontámos e talvez alguma cousa mais.

O que se está passando todos os dias é uma vergonha que précisa terminar sem demora.

REVISTA DE INSPECÇÃO

Pelo Distrito de Recrutamento n.º 24 foram afixados editaes, avisando as praças das tropas territoriaes domiciliadas nas freguezias do concelho de Aveiro, abaixo designadas, de que devem comparecer na secretaria do mesmo districto, das 10 ás 16 horas, com as suas cadernêtas militares e, na falta destas, com as cedulas da inspecção (modêlo n.º 4) ou com outros documentos que próvem a sua qualidade de praças territoriaes afim de lhes ser passada a revista de inspecção determinada no regulamento geral do serviço do exercito.

Freguezias: da Senhora da Gloria de Aveiro, no dia 3 de Junho; da Vera-Cruz de Aveiro, 10; Nariz, 17; Esgueira, 17; Requeixo, 17; Oliveirinha, 24; Cacia, 24; Aradas, 1 de Julho; Eirol, idem e Eixo, idem.

A's praças que se apresentarem em qualquer dos quinze dias anteriores aos fixados para cada freguezia ser-lhes-ha passada a revista, sendo as que faltarem a esta obrigação devidamente punidas nos termos da lei.

Embrulhando

O *Distrito* não consultou o *astrologo* do Francisco Maria sobre este assunto e de aí embrulhar de novo o caso da moralidade da nomeação do actual conservador do Registo Civil com a legalidade do mesmo despacho, tirando dele ilacções que arranjou e... baptisou a seu modo, unicamente para nos demonstrar que *atingiu um fim*, embora com todas as caracteristicas de não ser nada daquilo sobre que versou a questão.

Mas o orgão evolucionista quer, apraz-lhe, para dar a impressão de que se saíu airosamente da camiza de onze varas em que se meteu? Não nos custa nada fazer-lhe a vontade—estâmos entendidos...

E acabou-se tudo, por agora...

AI NÃO...

Nas suas — *Anotações*—diz sobre aquele caso de Requeixo apontado no penultimo numero deste jornal, o orgão republicano da Guarda *O Combate*:

Conta o *Democrata*, nosso coléga de Aveiro, que o prior de Requeixo se recusou a acompanhar ao cemiterio o cadaver dum individuo que desde ha anos mendigava para viver, e isto alegando que o mendigo se não confessava.

Conhecida a recusa do padre, logo uns poucos de cidadãos trataram do enterro civilmente, resultando este um acto de imponencia desusada naquela localidade.

Eles são desta força e depois dizem que nós é que sômos inimigos da religião. Apostarmos que o reverendo prior de Requeixo se não recusava, antes fazia um enterro com missa cantada, se o morto tivésse sido rico?

Assim... demais a mais sendo o padre de Re... queixo!

Uns alhos, suas reverendissimas...

* *

A proposito, recebemos esta carta:

... Sr. Director do *Democrata*

Publicou o seu conceituado jornal num dos ultimos numeros uma noticia ácerca dum enterro civil que se fez em Requeixo, a que o paroco da respectiva freguezia não quiz assistir, alegando que o falecido não ia á missa. O que esse padre boçal deveria dizer é que não ia, porque o morto não tinha familia, nem uma pessoa amiga que lhe pagasse o *latim* e as solas das sandalias.

Falaria mais claro e não com rodeios de hipocrisia de que a classe clerical a maior parte das vezes se serve.

Para pano de amostra do que é esse *ministro do Senhor*, leia o bocadinho que segue, que me parece cheio de curiosidade:

O sr. Alberto Rosa, residente neste lugar de Arada, tem tido ao

VITIMA DOS BOCHES

De passagem, esteve da dias no Porto o comandante do vapor brazileiro *Paraná*, de seis mil toneladas e cujo torpedeamento por um submarino alemão provocou o córte de relações diplomaticas entre os dois paízes.

José da Silva Peixe, assim se chama o sobrevivente da infamia teutonica, nasceu no proximo concelho de Ilhavo, conta apenas 33 anos, sendo dos comandantes mais novos que se acham ao serviço da Companhia Comercio e Navegação, do Rio de Janeiro, a que o *Paraná* pertencia. Está actualmente naturalizado brazileiro, tendo contado a um jornalista que o entrevistou varios pormenores demonstrativos da selvageria alemã ao atacar, sem aviso prévio, a embarcação que lhe fôra confiada.

Barbaros não seriam peores.

Julgamentos

No tribunal militar de Vizeu efectuou-se o dos implicados nos acontecimentos de Salreu, em dezembro ultimo, tendo sido absolvidos todos, á excepção de seis, por se provar a sua responsabilidade como instigadores do povo contra a Capitania do porto.

Que lhes sirva de lição.

* *

Em audiencia de juri respondeu segunda-feira neste comarca o conhecido ferreiro da Gafanha, João Rei, acusado do crime de homicidio na pessoa de Benjamim Gramata, com quem trazia as relações interrompidas.

Depois de aprovadas todas as atenuantes, foi condenado em 120 dias de prisão, custas e sêlos dos autos.

seu serviço, como criados, Joaquim de Pinho e uma rapariga de nome Maria, natural da freguezia de Requeixo.

Constava que estes dois criados de ha muito andavam enamorados e por isso, achando que era tempo de pôrem termo aos seus coloquios amorosos, resolveram unir-se pelos *dôces laços* do himineu.

Depois do casamento civil, a Maria manifestou desejo de cumprir o acto religioso na sua terra natal, a que o noivo se não opoz.

Passados dias, realisava se na igreja de Requeixo a cerimonia religiosa pelo paroco desta freguezia. Depois de efectuada esta formalidade, o Joaquim Pinho perguntou ao padre que tinha feito o casamento, quanto tinha merecido dos seus trabalhos. Este exigiu uma certa quantia em dinheiro e mais um queijo, como era uso e costume da terra.

O noivo satisfez na ocasião a quantia em dinheiro, mas o queijo só o daria depois, visto não estar prevenido, pois ignorava um costume tão extravagante! O que parece é que o Pinho não estava muito resolvido a satisfazer o compromisso que na igreja tomára com o padre.

Este, achando que a demora já passava a excesso, resolveu dias depois vir de Requeixo a Arada, onde se dirigiu a casa do snr. Alberto Rosa, expondo a queixa a este senhor, ao mesmo tempo que exprovava o procedimento do seu criado, acrescentando que se não ia embora sem o *queijo do casamento.*

O Pinho que ouvira estas ultimas palavras, increpou asperamente o reverendo, estando resolvido a *mimosea-lo* com uma valente sóva, se este não dá ás de vila Diogo e se o sr. Rosa não aconselha prudencia ao seu antigo criado.

Este caso tem dado origem a ditos picarescos, visto que o padre não ocultava o seu desgosto, dizendo que tinha apanhado uma *estopada* em vir de Requeixo a pé—distancia de 10 quilometros—e estar sujeito a uma carga de pau e... não levar o apetecido queijo.

Merece comentarios?

De V., etc.

Um Aradense

Comentarios merecia; mas o peor é a excomunhão que sobre nós póde insidir se vamos muito de encontro ao queijo do padre...

Boletim...medico

—=(*)=—

Apezar das poucas horas de vida ministerial, agravam-se os sintomas indicativos da sua pouca duração.

Os proprios correligionarios do govêrno não se escondem de acentuar que esta situação só viverá da indiferença alheia ou morrerá afogada na propria indiferença que se cria, sente e palpa em sua volta, indiferença que logo encontrou ao ter visto... a luz do dia.

Um curioso lembra tambem que este é o decimo terceiro ministerio da Republica e que seria uma verdadeira desonra para o numero 13, se ele não mantivesse mais uma vez as suas fatidicas tradições.

A isso ha a juntar a presença nele do *ilustre homem publico, galinha* por excelencia em situações ministeriaes, como já provou.

Não ha, pois, duvidas sobre o resultado a esperar.

Alêm disso, dos dez ministros, todos democraticos, apenas dois teem um passado republicano—os srs. Afonso Costa e Alexandre Braga. Os restantes foram monarquicos *ferrenhos* e *fidelissimos*, havendo entre eles franquistas, dissidentes, regeneradores, progressistas e até catolicos, afirma-se.

Dum, podemos acrescentar, que foi tudo isso por partes: clerical, progressista, dissidente, teixeirista para ultimamente nos aparecer *homem politico, politico republicano e republicano democratico!*

Completo.

Necrologia

—=(*)=—

Por falecimento de sua sogra está de luto o sr. João Vieira da Cunha, proprietario da *Livraria Universal*, considerada hoje a primeira de Aveiro.

* * *

Finou-se tambem no ultimo domingo a sr.ª Maria da Assumpção, esposa do sr. João dos Santos Silva e mãe dos srs. José da Silva, zeloso empregado nos correios e Constantino Silva, gráfico.

Era uma dona de casa exemplar, deixando aos seus infindas saudades.

* * *

Na sua casa de Alhavaite, Arouca, e com 76 anos de edade, deixou egualmente de existir a sr.ª D. Gertrudes Amalia Brandão Mendonça, viuva.

Era irmã do sr. dr. Inácio Brandão de Vasconcélos e tia do sr. dr. Adriano Brandão de Vasconcélos, conceituado clinico em Sobral de Mont'Agraço.

* * *

No Porto faleceu permaturamente o academico José Manso, filho mais novo do Visconde de Valpereiro e sobrinho do juiz auditor deste distrito, sr. dr. Martins Manso.

* * *

Finalmente terminaram os seus dias os srs. Antonio Simões Pereira, de 57 anos, proprietario, com residencia na rua Almirante Reis e Manuel Rôlo, mais conhecido pelo *Zarôlho*, que foi um incançavel trabalhador, muito prestavel e honesto.

A's familias enlutadas envia o *Democrata* as suas condolencias.

Casa de penhores

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores, de João Mendes da Costa, afim de reformarem os seus contractos com mais de tres mezes em atrazo, durante o prazo de 30 dias.

Aveiro, 26 de Abril de 1917.

O mutuante,

João M. da Costa

CAMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

Concurso

A Câmara Municipal de Oliveira de Azemeis, faz público que abre concurso, por espaço de 30 dias, a contar da segunda publicação deste anuncio no *Diario do Govêrno*, para provimento do logar de carcereiro das cadeias desta comarca com o ordenado anual de 72$00, e respectivos emolumentos, e a obrigação de residir no edificio dos Paços do Concelho.

Os concorrentes deverão apresentar na secretaría da Câmara, dentro do referido praso, todos os documentos exigidos na legislação em vigor, e atestado medico que prove não sofrerem de molestia contagiosa.

Oliveira de Azemeis e Paços do Concêlho, 10 de Abril de 1917.

O Presidente da Comissão Executiva

Anibal Pereira Peixoto Beleza